

## SINDICALISMO E LUTA DE CLASSES

1. A luta sindical aparece hoje como um factor de extrema importância no combate que opõe o trabalho ao capital.

O facto de alguns sindicatos constituírem um ponto de atracção para as categorias profissionais que representam, vem colocar novas questões aos marxistas-leninistas portugueses:

- a) os "novos" sindicatos mudaram de qualidade ou de natureza ?
- b) qual é a situação objectiva e subjectiva do operariado e do campesinato, quer dizer, das forças essenciais da Revolução ?
- c) qual é a linha justa a seguir, tendo em conta a nossa realidade organizativa, e a linha política que defendemos ?

2. Para que seja possível uma resposta científica a estas questões, tentaremos previamente expor os dados do problema.

### CARACTERISTICAS DOS ACTUAIS SINDICATOS

a) Pouca força política e pouco poder mobilizador.

- A sua mobilização só se faz a partir de certas fugas legais - apegar de defenderem os interesses profissionais dos trabalhadores, só vão até onde o governo permite. As greves, as principais reivindicações profissionais da classe passam-se sempre a nível clandestino e espontâneo; o sindicalismo tem o papel do silêncio, de moderação e mesmo reaccionário, quando tem de optar entre a sua destruição (como estrutura), e a defesa dos interesses dos trabalhadores.

b) Poder absoluto do Estado sobre os sindicatos.

- Estes organismos podem ser destruídos a cada momento pelo Estado. O que leva a que os sindicatos actuem dentro da seguinte ambiguidade: defesa dos interesses dos trabalhadores, naturalmente opostos aos do Estado Corporativo, e por outro lado defesa simultânea dos sindicatos corporativos. Esta ambiguidade leva a que o sindicato, posto numa "camisa de forças", tenha de capitular quase sempre, não podendo nunca elevar o grau de combatividade da classe operária nem defender os seus interesses. E sem elevar o grau de combatividade da classe, nem a sua força política, os sindicatos tornam-se presa fácil da arbitrariedade da ditadura burguesa.

c) Orientação legalista e pacifista da luta.

- Abaixo assinados, concentração dentro da ordem para "apoiarem" e não para manifestarem a defesa dos seus interesses junto do Ministro das Corporações, Assembleia Nacional, Presidente do Conselho, etc..

d) Isolamento de cada sindicato.

- Nunca se conseguiu ligar todos os sindicatos numa federação sindical, nem sequer a nível clandestino; o que faz com que o apoio de toda a classe trabalhadora aos seus camaradas, não seja senão o de enviar telegramas e abaixo assinados às corporações e outras entidades governamentais. São ainda obrigados a admitir que o governo não permita a troca de opiniões entre os sindicatos, como seja o proibir a presença de observadores, exigindo a identificação à entrada das Assembleias Gerais, controle esse efectuado pelos militantes sindicais ! A in-termação sindical é diminuta e o próprio sindicato não está a par de muitos dos movimentos reivindicadores dos trabalhadores.

### AS DIVERSAS TENDENCIAS DE "ESQUERDA" E OS SINDICATOS

- Reformismo.

Assente unicamente no combate pelas reformas e pelos aumentos de sa-



lários, separando a luta económica da luta política, refreando as lutas de massas, limitando-as sempre ao estrito quadro da legalidade corporativa, Corrente principalmente representada pelo partido "comunista" português, organização que defende a actual estratégia sindical como sendo a mais correcta. Esta posição política leva a que o P."C".P. caia frequentemente na ambiguidade que os sindicatos enfrentam: actuação como moderador, para proteger os sindicatos corporativos da repressão!

O facto de nunca ter sido capaz de resolver esta contradição de um ponto de vista revolucionário, o facto de ser um partido que na clandestinidade faz o papel do sindicato, define concretamente o P."C".P.: não é uma força política para a conquista do poder e como tal reforçando sempre as lutas profissionais de classe, mas sim um partido clandestino unicamente preocupado com a luta económica.

#### - Anarco-sindicalismo

Definição do sindicato como a forma superior de organização da classe operária; definição mítica da greve geral - ela seria o elemento que pelo seu aparecimento, provocaria o esmagamento imediato do capitalismo. Tendência com pouca influência no nosso actual movimento operário.

#### - Sindicalismo revolucionário

Tentativa de criar o espírito sindicalista; confunde-se o sindicato, estrutura profissional de classe, com a estrutura política do "partido". Leva na sua expressão superior à tática de ocupação de fábrica e da tentativa de instauração do "duplo poder" (ao lado do poder da burguesia, o poder oficial, apareceria o poder operário, "controlando a produção, dominando o capitalismo do interior"), teoria trotskista aplicada em vários países da América Latina. Esta linha conduziu a graves fracassos desses movimentos proletários, esmagados pelos exércitos da burguesia, indefesos porque isolados das outras camadas da população. Este movimento verifica-se precisamente porque elevando miticamente a força da organização sindical, o operariado tinha desprezado o factor essencial para a vitória sobre a burguesia, o reforço do partido comunista marxista-leninista, aparelho de enquadramento das lutas populares.

#### - Esquerdismo

Define-se pelo total abandono dos aparelhos sindicais. Não analisando correctamente a situação subjectiva da classe, nam as condições objectivas de cada sindicato, muitos militantes revolucionários caíram em posições radicais burguesas, por reacção ao reformismo. Desprezando as formas primárias organizativas da luta económica do proletariado, perdem assim uma arma fundamental de penetração no seio das massas.

### AS MASSAS TRABALHADORAS

#### - Ignorância sindical

As largas massas nunca seguiram a palavra de ordem do P."C".P., de ida para os sindicatos nacionais, sempre encararam o sindicato pelo que era realmente, um escritório avançado dos patrões e da PIDE dentro da classe operária. Longos anos de paragem de luta sindical, conduziram ao actual estado de confusão das classes trabalhadoras: consideram que pedir aumento de ordenado já é ser comunista, e quando conseguem uma pequena cédencia da burguesia gritam vitória, esquecendo que os tostões que ganham a mais são recuperados dias depois com os aumentos dos preços. Não sendo informadas do que é um "sindicato trabalhador", do que é um sindicato, e dos estratagemas da legislação corporativa para colocar os sindicatos numa "camisa de forças", as massas trabalhadoras encontram-se num estado



de plena confusão, não conseguindo distinguir entre os vários militantes que aparecem como defensores dos seus interesses, e que têm as mais variadas posições políticas sobre a luta económica.

Arq. Jerónimo Franco

Doc.25 - 3/7

#### - Maior capacidade de luta

Depois de um longo silêncio, (principalmente nos anos 50), os trabalhadores portugueses acordam progressivamente para a luta. As greves e manifestações multiplicam-se, a solidariedade popular desenvolve-se, a violência de massa começa a aparecer. Esta mudança qualitativa da acção, consequência natural das contradições com que se debate o capitalismo português (1) passa ao largo das estruturas sindicais e do seu tradicional apoio classista - o partido revisionista.

#### - Inexistência de enquadramento político

A maior parte da luta continua a desenrolar-se fora dos aparelhos políticos, mesmo dos mais recentes e com uma perspectiva de combate mais correcta: passagem de luta económica à luta política, definição justa nas etapas que conduzirão à insurreição popular.

### A BURGUESIA E A LUTA SINDICAL

O desenvolvimento da burguesia portuguesa exige-lhe um processo monopolista acelerado com um correspondente aumento de produção e aumento de consumo. Essa via, indispensável para chegar ao diálogo com o capitalismo mundial, é uma utopia sem a colaboração das massas trabalhadoras, a maior parte, a maior percentagem das forças produtoras e consumidoras.

Mas como pensar que elas irão consumir, se não têm dinheiro necessário para comprar? Como pensar em aumentar o ritmo de trabalho, por consequente da produção, se os salários não acompanham o ritmo de aumento dos preços? E ainda: como falar neste problema ao operariado, evitando que essa luta económica seja imediatamente canalizada para uma luta política?

Esta é a contradição principal com que o governo se debate: precisa de assegurar a colaboração do operariado e do campesinato, e não possui os aparelhos de controle dessas classes.

Como tentará a burguesia resolver esta contradição?

Autorizando a luta sindical, (2) "dentro da legalidade e o espírito de colaboração, nunca como arma subversiva"; aceitando algumas das reivindicações operárias, comprando assim a boa vontade do povo trabalhador. Mas o operariado português não tem experiência de luta sindical e toma os seus sonhos por realidades: os Metalúrgicos avançam tais exigências, tão fora das regras do jogo que o governo queria impor, que a direcção não foi homologada; os Caixeiros vão em número de 2.000 apresentar os seus pedidos a S. Bento, a burguesia (também inexperiente na luta económica) teve tanto medo que deu ordem para que a polícia massacrasse os manifestantes!

Parece, portanto, que a dinamização sindical aberta também não interessa hoje ao governo. E porquê? Porque em Portugal, ao contrário dos países capitalistas europeus, não existe um partido político suficientemente forte e enraizado nas massas, que pudesse, por conseguinte, como se passa em França e em Itália com os Partidos Comunistas da linha de Moscovo, controlar a luta operária e limitá-la à "ordem e legalidade".

Outra hipótese de resolver a contradição, seria a de favorecer o aparecimento de quadros dirigentes sindicais, independentes de Partidos Políticos mas cuja acção corajosa e determinada lhes valesse o apoio das massas; esses dirigentes sindicais seriam posteriormente objecto da corrupção e da coacção indirecta, começando a constituir a nossa primeira franja de aristocracia operária. Estaríamos aqui mais perto da linha de domínio da classe operária posta em prática nos EUA, na Inglaterra, na Alemanha e nos países do Norte da Europa.

Também esta hipótese pertence hoje ao reino da utopia, pois a aristocracia operária aparece como consequência de grande desenvolvimento capita-



lista e conseqüente intensificação da acção política do proletariado, condições inexistentes no Portugal de hoje.

Como tentará o Governo resolver a contradição por enquanto insolúvel ?

Legalizando o PCP ou a ASP, esperando assim que os aparelhos dos reformistas funcionem como travão da classe ?

Parece-nos ser esta a hipótese mais viável, mas não a curto prazo. Por enquanto o Governo tentará criar uma força política com uma ideologia segura infiltrada nas massas (3), criará os seus quadros sindicais, resolverá as contradições mais graves do capitalismo português, através de soluções neo-colonialistas para a guerra em África e de industrialização acelerada para o fomento do aumento da procura de mão de obra.

Até lá, a linha da burguesia em relação ao problema sindical não poderá deixar de ser ambígua e hesitante, mistura de cedências e repressão.

### COMO DEFINIR UMA LINHA COMUNISTA ?

A definição de uma linha correcta de actuação sindical, pressupõe uma consciência clara das necessidades de uma acção revolucionária contra a burguesia. Sem uma linha tática de acção ilegal partidária definida é fácil ver os militantes cair no reformismo economicista ou no sectarismo e dogmatismo esquerdista.

Concretizemos: a luta económica, porque é uma luta referente às necessidades concretas e imediatas das massas, é um dos pontos fundamentais onde deve incidir a agitação e propaganda dos comunistas; essa acção junto das massas vai-lhe proporcionar a implantação indispensável para o desenvolvimento e fortalecimento da acção política que se apoia na insurreição popular.

Mas a luta económica tem limitações que os revisionistas não querem ver: "A luta económica é a luta colectiva dos operários contra os patrões para conseguirem condições vantajosas da venda da força do trabalho, para melhorar as condições de trabalho e de vida dos operários" - "Que fazer ?" - Lenine. Esta limitação conduz a que a luta seja ineficaz do ponto de vista de aumento qualitativo da consciência do proletariado se não for utilizada para reclamar do Governo que ele deixe de ser ditatorial e autorize as práticas democráticas populares.

Trata-se em suma de utilizar o movimento reivindicativo como um dos elementos integrantes de luta de classes que opõe o proletariado à burguesia.

O que implica que a luta económica nunca poderá servir a colaboração de classes adiando interminadamente o combate que libertará os oprimidos e esmagará os opressores.

Outro desvio é a utilização das estruturas sindicais como aparelhos fundamentais da luta revolucionária do proletariado; esses os erros do anarcosindicalismo e do sindicalismo revolucionário.

A possibilidade do aparecimento destes desvios prova a necessidade de possuímos uma linha extremamente concreta e definida sobre a questão, para se evitarem oportunismos da direita ou de esquerda, factores de atraso no nosso movimento.

Para que se evitem posições sectárias ou dogmáticas em relação ao problema sindical, os militantes devem proceder a um inquérito detalhado e profundo focando os seguintes pontos:

#### 1. OS SINDICATOS

- a) Quais são os sindicatos existentes ?
- b) Que classe profissional abrangem ?
- c) Quantos sócios têm ?
- d) Quantos sócios activos (militantes sindicais) ?

#### 2. OS SINDICATOS NACIONAIS SÃO ORGANISMOS DE MASSA ?

- a) Os trabalhadores estão de facto no SN ?
- b) Há alguma vida associativa nas sedes ou delegações do SN ?
- c) São frequentados por qualquer massa operária mesmo diminuta ?



- d) Há palestras, bibliotecas, festas, reuniões promovidas pela Direcção e frequentadas por operários ?
- e) Há alguma circulação de jornais ou outra propaganda dos SN ?
- f) Há contactos de alguma espécie entre as Direcções e a massa ?
- g) Existem nas fábricas quaisquer delegações com qualquer espécie de influência ou autoridade, mesmo sobre a massa atrasada ?
- h) Os SN são organismos de massa ou simples sedes, repartições burocráticas, onde os operários se dirigem por vezes, quando querem apresentar as suas reclamações ?
- i) Qual a relação entre os sindicatos e os operários ? Existem estruturas montadas que possibilitam a participação activa na decisão, na orientação de toda a vida sindical ?
- l) Como vêm os operários a função dum sindicato ?
- l) Como vêm os operários o actual sindicato ?
- m) Qual foi o papel do sindicato até agora ? Defensor dos interesses da classe, dinamizador primário da consciência de classe ?
- n) Informam e trazem a classe informada dos acontecimentos do dia a dia da classe profissional que defendem ?
- o) Informam e trazem a classe informada dos acontecimentos dos outros sindicatos ? Das lutas de massas ? Da repressão e das atitudes das entidades patronais sobre a classe ?
- p) Quais as estruturas de que o sindicato dispõe para os operários se defenderem e lutarem contra os abusos do patronato ? Qual a orientação e atitude que o sindicato toma nesta altura ? Os sócios são informados do que se passa e participam na decisão ?
- q) Como luta o sindicato em relação aos problemas imediatos da classe ?
1. Ritmos de trabalho: produção mínima obrigatória; sistema de prémios e incentivos; roubo de tempo através de relógios atrasados e outros sistemas; trabalho à tarefa.
  2. Condições de trabalho: turnos; acidentes de trabalho; despedimentos; campanha de produtividade da empresa; condições de higiene; horas extraordinárias; percentagem legal sobre os salários; regalias sociais; reforma ; 13<sup>o</sup> mês; número de horas de trabalho semanal.
  3. Tentativas de divisão da classe operária: Títulos de trabalho, comparticipação nos lucros da empresa; gratificações; prémios de assiduidade; hierarquização.
- r) Como luta o sindicato quanto às condições de vida gerais da classe trabalhadora ? Custo de vida; habitação; instrução; descanso; condições mínimas de vida salutar; segurança familiar; assistência à família; cantinas; creches; protecção à mulher; protecção à criança; protecção aos velhos; assistência médica.
- s) Em relação a estas duas alíneas quais as campanhas de esclarecimento, informação e desmistificação são feitas pelos sindicatos ? Estas interrogações estão ligadas a outras indispensáveis para a definição de uma tática justa em relação aos actuais sindicatos.

### 3. OS SN SÃO ESTRUTURAS OPERARIAS OU CORPORATIVAS ?

- a) O actual controle do Estado fascista e do patronato sobre os sindicatos dá alguma possibilidade dum estrutura legal defender os interesses da classe ?
- b) Terão as classes trabalhadoras possibilidades de ir saindo do controle patronal e oficial ?
- c) QUAL É O CONTROLE CORPORATIVO dos sindicatos ?
- d) Terá esse controle influência no actual caracter reaccionário e reformista dos sindicatos ?
- e) Quais as lutas conduzidas pelo sindicato no sentido de consciencializar a classe trabalhadora da necessidade da luta contra a legislação e normas corporativas que transformam o sindicato num sindicato fascista e portanto com interesses antagónicos à clas-



se trabalhadora ?

- f) Poderá o sindicato na actual situação conduzir campanhas de luta e esclarecimento em relação à defesa da maioria dos interesses dos trabalhadores, que não seja a simples assinatura de contratos de trabalho ?
- g) Poderá o sindicato conduzir campanhas sobre:
- condições de trabalho na fábrica e no campo;
  - abusos legais (legislação oficial, tribunais do trabalho, etc.);
  - formas de roubo e humilhações dos trabalhadores, legalizadas com documentos oficiais;
  - despedimentos que apesar de legais segundo as leis corporativas constituem de facto um atentado à classe trabalhadora.
4. Concluindo a inevitável limitação da luta através dos aparelhos sindicais, pergunta-se:
1. Quem conduzirá a luta para além das possibilidades legais que o Estado fascista permite aos sindicatos ?
  2. Essas lutas serão papel de "partido" ou formas de luta da massa de organização de base ?
  3. Essas lutas devem ser conduzidas de dentro ou de fora dos sindicatos ?

Os dados fornecidos por este inquérito mostrarão os pontos fundamentais em que incidirá a nossa acção, elucidarão os militantes sobre a natureza das contradições da actual política sindical, permitirão a definição de uma linha justa de massas.

#### QUE PRÁTICA SEGUIR ?

Em relação à dinâmica da luta de classes, a luta económica é um factor importante; é evidente que essa luta não desempenha o papel fundamental, pois hoje os nossos esforços têm de ser principalmente dirigidos para a educação política, para o desenvolvimento da consciência política da classe operária.

Mas como fazer esta educação política ? Através da denuncia de casos concretos do dia a dia do povo trabalhador, desmascarando as aldrabices do Governo, pondo a nu as contradições com que a burguesia se debate.

Esta interpenetração da luta económica com a luta política e as contradições que daí resultam só encontrarão uma solução justa se possuímos um aparelho político clandestino com uma estratégia definida, estratégia essa que solucionaria os nossos problemas de ordem tática em relação às lutas de carácter económico.

O facto é que ainda não possuímos esse aparelho político, o Partido. Poderemos apesar dessa falha avançar hipóteses concretas de trabalho ? "O C." julga isso possível e tem uma linha de acção a propôr:

1. a infiltração ao nível sindical só se justifica se o sindicato for efectivamente de massas e não uma simples repartição burocrática;
2. os militantes devem trabalhar ao nível da base pois é um processo de implantação - o comunista tem de estar onde estão as massas;
3. se existe um grande número de sindicalistas activos, também a infiltração ao nível da estrutura sindical é aconselhável;
4. a luta económica conduzida pelos nossos militantes desenrola-se essencialmente ao nível da base e dos locais de trabalho; isso implica:
  - a) nunca participar na luta sindical até ao nível eleitoral, directivo ou estrutural; a nossa acção desenrola-se ao nível das massas, recrutando camaradas, desmascarando o reformismo.
  - b) organização de comités de fábrica clandestinos (formados inicialmente a partir de núcleos "O Comunista" e numa fase mais avançada integrando camaradas de outras opiniões políticas; "o que é importante é que esses camaradas percebam que a luta de classes não se limita a exigir melhorias sociais e económicas mas sim a destrui-



- ção do poder burguês" - "O C. nº 3").
- c) actividade clandestina permanente com comunicados e tomadas de posição anti-reformistas, constestando a prática reaccionária do aparelho sindical, avançando uma linha de acção que permita a ligação do económico ao político;
  - d) apoio dos movimentos espontâneos do operariado, seu enquadramento e valorização quantitativa e qualitativa;
  - e) canalização da insatisfação e revolta permanente das massas, propondo formas realistas de intervenção, audaciosas e sem cair no aventurismo;
  - f) montagem de formas organizativas primárias do proletariado -- informação, distribuição de imprensa, caixas de greve, etc..
5. tentar assegurar a participação do maior número possível de camaradas na elaboração das táticas a seguir, através de consultas permanentes e troca de ideias e experiências em comunicados internos, ou em artigos a publicar na imprensa central ou local.

### RESUMINDO:

Sendo o sindicato completamente controlável pelo governo, a primeira conclusão a tirar é que não existem hoje em Portugal sindicatos operários; o que existe é uma determinada quantidade de militantes sindicais dispostos a tentar o "máximo" dentro dessas estruturas. O que nos poderá levar à conclusão que esses camaradas ainda acreditam nas velhas linhas do trabalho político no interior das organizações corporativas; ao fim e ao cabo, continua-se a seguir a orientação do P."C".P., ainda para os SN", em vez de desencadear uma luta que os desmascare como agentes do inimigo dentro da classe operária.

As ambiguidades e hesitações da burguesia em relação à luta sindical, não nos devem levar a pensar que é possível conquistar grandes vitórias para o proletariado através dos sindicatos; as vitórias que tivermos são as que eles nos consentem enquanto continuarmos a aceitar a luta no terreno que eles nos indicam. Se queremos ir em frente numa politização progressiva da classe operária, se queremos assistir a uma mudança qualitativa da luta dos explorados, o caminho a seguir é: desmascarar os falsos defensores do proletariado, fortalecer a organização clandestina, enquadrar e impulsionar as lutas de massas, desencadear a luta directa pelo poder.

O interesse que os comunistas podem ter pelos actuais sindicatos, não é por conseguinte em relação ao controle das estruturas, mas sim ao nível, em relação ao trabalho político na base sindical, das massas trabalhadoras; o que pressupõe que a infiltração dos nossos militantes é inútil em sindicatos que sejam só repartições burocráticas.

Como esta infiltração dos nossos militantes não é uma prática trotskista de tipo "entrismo", precisamente porque não se destina ao controle directivo do aparelho, ela é inútil se não é auxiliada complementarmente por toda uma acção clandestina partidária; esta acção clandestina toma hoje como formas essenciais o recrutamento de quadros, e o lançamento de textos capazes de fazer evoluir a consciência política das massas trabalhadoras (nomeadamente no que se refere à ligação da luta económica com a luta política), edição de targetas e comunicados de agitação e de divulgação de lutas de outras fábricas ou regiões.

Nas fábricas encontram-se os núcleos-base da nossa organização; são esses núcleos que irão constituir o futuro Partido.

A forma primária de organização é o comité de fábrica, estrutura clandestina que actua ao nível da reivindicação económica, canalizando essa acção para formas superiores de luta, avançando no combate pelos direitos da classe, recusando a participação no legalismo, politizando progressivamente os movimentos de massas, arma fundamental para a insurreição popular.

CONTRA A COLABORAÇÃO SINDICAL - CONTRA O ECONOMISMO - PELA LIGAÇÃO DA LUTA ECONOMICA A LUTA POLITICA - PELA ORGANIZAÇÃO DE COMITES DE FABRICA, VERDADEIRAMENTE REPRESENTATIVOS DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES - PELO FORTALECIMENTO DE "O COMUNISTA".